AVEIRO, 10 DE SETEMBRO DE 1976 — ANO XXII — NÚMERO 1125

Litoral

SEMANÁRIO

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) — Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

COMEÇA AMANHÃ

No Rossio de Aveiro, inicia-se, amanhã, a AGROVOUGA/76, IV Exposição-Feira Regional: trata-se de um acontecimento da mais alta transcendência que — aliás sem escopo competitivo com certames congéneres noutros centros nacionais — intenta fomentar o cooperativismo, evidenciando as potencialidades da vasta região aveirense e, de tal, consciencializar os agricultores.

JÁ aqui oportunamente referimos — com liquidação, em concretos números, dum acréscimo notável de previsível rentabilidade — o Plano de Aproveitamento do Vouga, que prevê a construção de quatro importantes barragens. Temos em nosso poder expressiva literatura sobre parte da vasta temática que informa o magno acontecimento: virá, a seu tempo, nestas colunas— até porque a iniciativa é de magnitude tal, que terá de ser relevada em sequência e para além do tempo do que decorrerá no Rossio. Por hoje, e para além destas sucintas considerações, limitamo-nos a dar conta do programa já aqui antes sucintamente enunciado, mas que vai agora em pormenor.

Amanhã, SÁBADO, 11: Abertura da Exposição-Feira,

Continua na página 3

MÁRIO DA ROCHA

REQUERE-SE

Revolução no Conservatório

AS horas da manhã costumam pôr os láparos fora das luras! São os dias de mudança que melhor atestam a capacidade criadora duma personalidade em progresso. O resto é paisagem de poses fictícias em jardins de babilónia para qualquer *Look back in anger* asfixiado nos laços umbilicais de um acéfalo *neo-Stürmer und Dränger*...

Não é revolucionário quem tal se diz. Mas é revolucionário quem revolução em si se faz! Falta um novo Arendt que se multiplique em nós com um renovado Rudi Dutschke. Mas até lá, teremos de continuar a ver que a uma senilidade anquilosante dum *Dinossauro Excelentíssimo* sucedeu a submissão adolescente duma *Manhã Submersa!...*

Mudaram-se os tempos, mas não se mudaram as vontades. O dogmatismo continua. E o sectarismo também. E o concentracionarismo igualmente. Basta de impor; é preciso educar.

E se uma sociedade se pode desalienar mudando os tempos, como não continuará alienado o indivíduo que hipoteca a cabeça da pessoa ao colectivo?

Quem há aí que venha congraçar a antinomia? Mas se

Continua na 5.ª página

NÃO ACONTECEU...

O 'DOUTOR DA MEMÓRIA, E A SENHORA DO AMPARO

ARAÚJO E SÁ

Ana é, há muitos anos já, a responsável pela cozinha da minha casa. O 25 de Abril nada me ensinou no que toca à «hierarquia serviçal», pois nunca a considerei criada de servir... Antiga cozinheira de padre (a mesa do clero causava inveja noutros tempos) tem um paladar requintado e um jeito de tal modo raro para as estrugidos e assados, que constitui perigosíssimo inimigo, de G-3 sempre apontada à minha constante preocupação de não aumentar de peso. Mesmo assim, por princípio, não almoço em casa. O motivo parece-me aceitável: a minha simpatiquíssima clientela usa e abusa do meu telefone e da campainha do portão à hora em que me sento à mesa. Ora com um quarto de século de clínica dura, sem férias, sem

Continua na 3.ª página

CHILE *Até quando, Pinochet?*

JOÃO HENRIQUES FIDALGO

ONZE de Setembro de mil novecentos e setenta e três. «Vi-o no palácio da Moneda, em *pulover*, com uma metralhadora nas mãos, decidido a resistir. A sua atitude foi de resistência a um grupo de generais traidores, ao serviço do imperialismo internacional. Morreu em defesa do Povo Chileno e da sua própria legitimidade como Presidente da República, recebida directamente da vontade popular» — assim testemunhou Isabel Allende os derradeiros momentos da vida de seu pai, Salvador Allende, que foi morto (ainda segundo palavras de sua filha) «di-

Continua na página 3

TEMAS NAPOLEÓNICOS

JORGE MENDES LEAL

MILITARMENTE notável pela transposição dos Alpes à maneira de Aníbal e a ligeireza eficaz com que o exército francês se desdobrou, em turbilhão calculado, sobre a planície do Pó — entre Masséna, sitiado em Génova, e a rectaguarda dos austríacos, sob o comando do mediocre Mélas —, a batalha de Marengo, dada por Napoleão em clara inferioridade de meios e resolvida à justa com a chegada impetuosa das tropas de Désaix, não se antolha merecedora de atenções por aí além... Na falta do sol de Austerlitz, antes a oprimiu crepuscularmente o princípio de debandada, às cinco da tarde, da divisão Victor. Nem a ilustrou assinaladamente a carga final dos hussardos e couraceiros de Kellerman, que, conquanto briosa, não ultrapassa as ancestrais missões tácticas da cavalaria (no cao, a exploração do sucesso), tantas vezes sobrelevadas pela relampejante

Continua na 5.ª página

IX — APÓS MARENGO

Considerações Marginais

ARNILDE ALBERTO

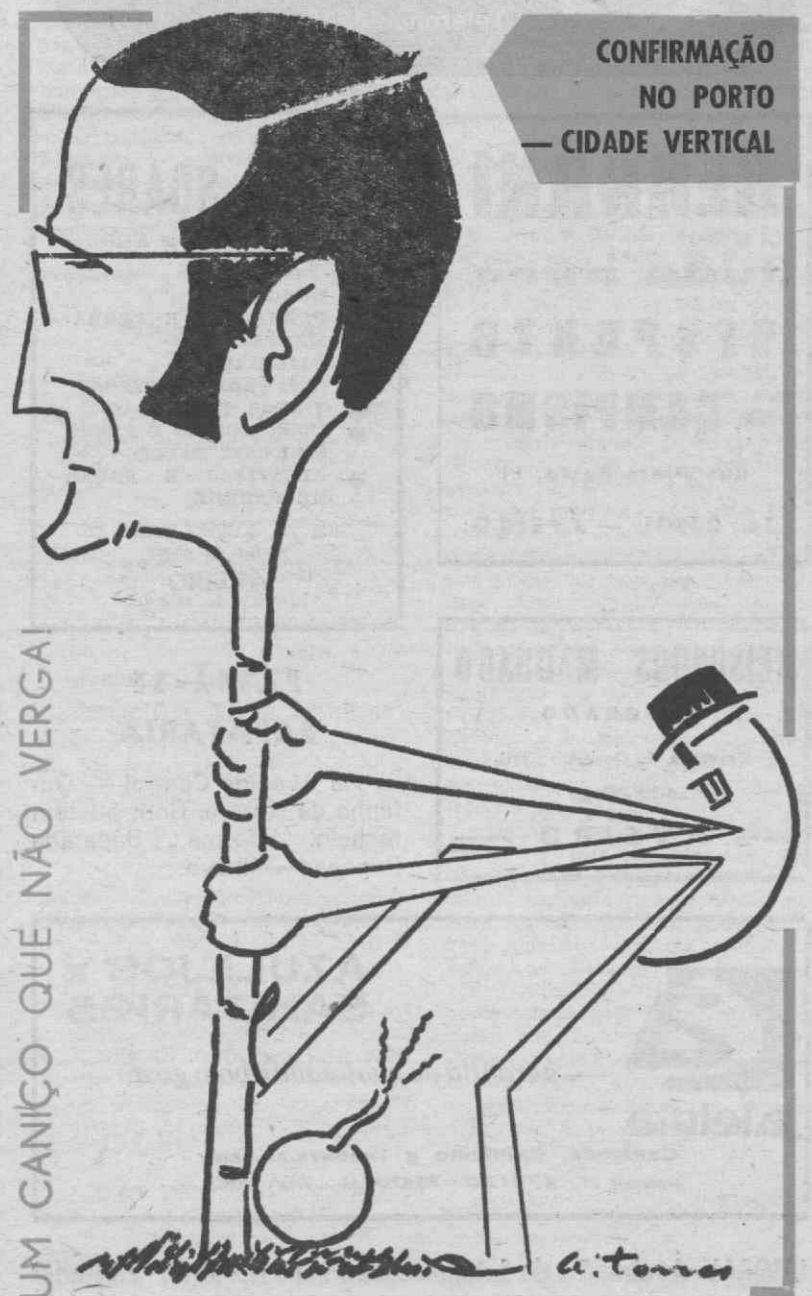
NO matutino «O Comé cio do Porto», de 23 de Agosto p. p., lia-se, a cinco colunas, o seguinte título: VAI SOAR A HORA DE TIRAR O CASACO — o que julgamos muito bem. É tempo de se pensar a sério em Portugal, país hoje pequeno, mas g ande e glorioso na sua

Continua na página 3

À-VONTADE... EXCESSIVO!

NO PRÓXIMO NÚMERO

Muitos escritos, porque nos chegaram tarde, tiveram de ficar de remissa. Dá-los-emos à estampa no próximo número — e entre eles:

- UMA LIÇÃO PARA SER APRENDIDA pelo C.te Neves dos Santos
- O XXII CONGRESSO NACIONAL DOS BOMBEIROS PORTUGUESES pelo C.te Dr. Lúcio Lemos
- BOMBEIRO AMIGO! por José António Simões
- GALERIA DE ARTE/DE UMA REJEIÇÃO A OUTRA INCONGRUÊNCIA por Miguel Carvalho
- AGROVOUGA/76: — A REGIÃO DO VOUGA: o Homem, a Terra e a Água — A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO COOPERATIVO NA REGIÃO DO VOUGA
- PASSAGEM DE NÍVEL DE ESGUEIRA, UM PROBLEMA DE HÁ MUITOS ANOS por Carlos Santos
- Excelente edição: o último número de «AVEIRO E O SEU DISTRITO»
- CONSERVATÓRIO REGIONAL DE AVEIRO/EXAMES OFICIAIS

CONFIRMAÇÃO NO PORTO — CIDADE VERTICAL

NÃO ACONTECEU...

Continuação da 1.ª página

domingos, sem feriados e sem dias-santos, com mais de uma centena de horas de trabalho semanal, com os anos a começarem a pesar já, entendo que tenho o legítimo direito de me reformar (mesmo sem qualquer vencimento) das chatices profissionais à hora do almoço. Aliás, nem bombeiro sou; e, como tal, nada, nem ninguém, me pode obrigar a estar de piquete permanente para «apagar o fogo» (afinal as mazelas físicas da clientela) a qualquer hora do dia e da noite. Sobretudo agora em que toda a gente está muito obrigadinha aos Senhores da Revolução que abriram milhentos hospitais e colocaram à disposição do pagode mais ambulâncias do que carros de aluguer... Só o estúpido não aceitará que, perante tão gradas reformas na Saúde Nacional, só morre quem quiser! Por isso, saio de casa ao badalar das doze, «acampo» no restaurante, no hotel ou no tasco onde os «comes e bebes» mais me agradam, dou à língua com amigalhaços que por lá topo e desanuvio o espírito das inevitáveis contrariedades da vida, para as quais a paciência e o conformismo me vêm faltando já. Além do mais, seria uma burrice pôr os tachos ao lume cá em casa à hora do almoço. É que meus filhos almoçam («proletariamente»!) nas cantinhas (ao baratinho!) dos estabelecimentos de ensino (continuam sem serem à borla!) e que frequentam (mesmo sem professores!). Minha mulher, no que toca a almoçar, parva e estúpida seria se não aproveitasse a suculenta e paladosa refeição, por cinco «paus» (sopa, carne ou peixe, fruta, vinho e pão), na fábrica onde é «trabalhadora» há vinte anos já, portanto muito antes da Revolução dos Capitães que primou (lá isso primou!) por rotular de trabalhadores até aqueles que não fazem coisa alguma..., antes pelo contrário! Acrescente-se que cá em casa (na minha e não na dos capitães!) vadiagem foi coisa que nunca houve necessidade de sanear. Todos cozinhamos, todos lavamos a loiça, todos limpamos o pó, todos fazemos a cama e todos despejamos o penico quando avariam os burgueses autoclismos das casas de banho! Continuamos, assim, sem nada aprendermos quanto às inovações revolucionárias, inclusive o cravo na lapela (em especial o vermelho) que não nos parece enfeite requintado... Mas dizia eu que, por princípio, não almoço em casa. Burro seria se me desse para aferrolhar uns patacos com clínica à hora das refeições, para que os mesmos (tudo é possível!) possam um dia ser lançados na conta-corrente de vadios que «trabalham» (lá isso trabalham, e muito!) em barulhentas reuniões reivindicativas à hora do «expediente» nas empresas que lhes pagam sem que eles algo produzam, acabando por serem atiradas (as empresas, claro) para a vala comum das falências. Nem espanta que tal suceda, pois aumentar a produção e a rentabilidade, à custa de paleio reivindicativo e de conversa fiada de vadio, é «gonçalvismo» que deu raia! Mas há dias abri uma excepção e almocei em casa. Claro que, para não fugir à regra, o telefone tocou. Era uma beneficiária da Previdência (ela não tem culpa nenhuma de o ser...) a perguntar-me para casa (como se minha casa fosse qualquer repartição pública...) a que horas eu dava consulta na Caixa, pois queria uma credencial (as credenciais tudo resolvem...) para o «Doutor da Memória» (o senhor já nem se usa...), dado que o filho tirara (creio que por cabulice...) «notas fracas» no primeiro período escolar. Vá lá, este — mesmo com «notas fracas» — ainda se pode considerar um felizardo, pois há por aí muito boa gentinha que nem aulas tem, vítimas inócentes de uma «organizadíssima desorganização» desse milagroso MEIC que tem feito coisas do arco da velha! Claro que «não aconteceu» que eu tivesse deixado de diagnosticar quem pudesse ser o tal «Doutor Memória», indicado para acudir ao filho da dita senhora, certamente um menino cabulão de «primeira apanha» para quem os livros (que me parece continuarem a ser pagos...) não têm o paladoso atractivo que eu experimento com os estrugidos e assados da minha velha cozinheira Ana. O que respondi não me recordo já. Todavia, lembro-me bem de, intimamente, ter rogado pragas por não ter ido almoçar fora nesse dia! A vida do médico, mesmo à hora do almoço, tem destas coisas... Mas há quem o esqueça... Por isso mesmo nem espanta que o médico, nos tempos que correm, seja a pessoa mais contestada deste mundo. Mais do que um Primeiro Ministro e muito mais do que um Presidente da República! Todo o lugar serve para o enxovalho, para o reparo infundado, para a falta de verdade, para a calúnia. A tenda da hortaliça, a barraca das farturas ou de tiro ao alvo, o banco do autocarro, a cadeira do engraxador e o mictório público até nem são os locais onde a má língua e o corte na casaca vêm ao de cima em maior escala. O mesmo não direi da «boutique» elegante, do instituto de beleza, do salão de chá, do restaurante caro e das portas das igrejas também... Aqui a língua é mais comprida, belisca-se com menos compaixão, mente-se mais descaradamente, inventa-se com mais facilidade, morde-se com mais apetite. Que a federativa credencial para o credenciado «Doutor Memória» resolva a cabulice do filho extremoso da beneficiária da Caixa... Mas que a Senhora do Amparo não deixe também de amparar os médicos... Sobretudo à hora do almoço!

ARAÚJO E SÁ

CHILE

Até quando, Pinochet?

Continuação da 1.ª página

zendo que não se podia aceitar o fascismo no nosso País».

Apoiado pela Frente de Unidade Popular, constituída por socialistas, comunistas e radicais de esquerda, Salvador Allende foi eleito Presidente da República do Chile, por sufrágio universal e directo, a 4 de Setembro de 1970.

A nível interno, os grandes derrotados destas eleições foram os democratas-cristãos que se tornaram o mais importante partido da oposição, lançando-se num jogo parlamentar tendente a dificultar a acção, sobretudo política, do governo legalmente constituído e servindo, ao mesmo tempo, com outras forças direitistas, de veículo e suporte àquilo a que Allende cognominou de «uma ideologia subversiva fascista», colocando o Chile, em especial um ano antes do golpe militar, a dois passos da guerra civil. Disto tinha consciência Salvador Allende: «Estamos a viver um período anormal que poderá culminar numa confrontação civil, mas eu rejeito essa hipótese categoricamente. Acredito que o meu governo é a melhor garantia de paz. Nós temos eleições e liberdade. Noventa por cento dos chilenos não desejam uma confrontação armada».

Por seu lado, os Estados Unidos — senhores e dominadores a seu bel-prazer da América Latina — não viam com bons olhos a existência de um país de governo socialista nas suas barbas. Por isso, procuraram, desde logo, estrangular economicamente o Chile, fazendo-lhe um bloqueio credial que, somado à falta de capacidade industrial e à escassez de instalações portuárias e de transportes deste país, provocou uma inflacção galopante, uma exagerada falta de bens de consumo de primeira necessidade, greves constantes, fortes tensões nas diversas camadas sociais e até lutas sangrentas entre várias facções políticas, tornando difícil a vida do povo chileno.

Embora grave e perigosamente ameaçado, o Presidente do Chile, contudo, nunca alimentou a ideia de criar milícias populares, entregando armas aos trabalhadores, para defesa e protecção do seu regime: «Não haverá outras forças armadas aqui, senão as que estão previstas pela Constituição, isto é: o Exército, a Marinha e a Aviação. Eliminarei quaisquer outras que possam surgir».

Não falta quem acuse o governo da Frente de Unidade Popular de ter levado a nação à degradação social e ao caos económico. Erros, teve-os certamente. Porém, será justo condenar, sem apelo nem agravo, um governo a quem, desde o início, não foram dadas possibilidades reais para governar e conduzir o país para a democracia, a liberdade e a justiça social, como era sua pretensão?!

A 11 de Setembro de 1973 — ocorre, amanhã, o terceiro aniversário — um sangrento golpe militar, comandado por Augusto Pinochet, derrubava Salvador Allende, três anos atrás escolhido pela vontade popular.

Uma nova era começava no Chile.

Foi declarado o estado de sítio (que permanece). A liberdade de reunião e associação terminou. A repressão a partidos e organizações políticas iniciou-se. Uma férrea censura entrou nos órgãos de comunicação social. Jornalistas foram presos e mortos. Campos de futebol serviram de cárcere a presos políticos...

Ao que parece, contudo — o que não é de admirar, dado, entre outros motivos, o levantamento do bloqueio económico por parte dos Estados Unidos à Junta Militar — a situação económica chilena melhorou. Mas que interessa uma economia (aparentemente?) mais próspera se a mordaça, o medo, a tortura, a morte, a falta de liberdade existem?! Que importam os anéis se não há dedos?!

O «caso» chileno constitui um dos exemplos mais flagrantes da entrada, na América Latina, de um feroz neo-nazismo, ainda que em nome do restabelecimento e defesa da ordem social e do combate ao comunismo. Mostra também como é difícil, exigente e morosa a construção da liberdade, da democracia, da justiça. Revela ainda como os inimigos destes bens — embora, tantas vezes, com capas de cordeiros — os espreitam por todos os lados. É, finalmente, um grito de revolta e um apelo à luta: basta de Pinochets!

JOÃO HENRIQUES FIDALGO

Agrovouga/76

Começa Amanhã

Continuação da 1.ª página

Concurso Pecuário da espécie bovina; concerto pelas bandas «Amizade» e «Bingre Canelense» — respectivamente, às 10, 11 e 21 horas. **DOMINGO, 12:** Leilão de bovinos com registo genealógico e distribuição de prémios — respectivamente às 10 e 17 horas. **SEGUNDA-FEIRA, 13:** Colóquio subordinado ao tema: «Associativismo Agrícola», às 20.30 horas, seguido de debate. **TERÇA-FEIRA, 14,** às 22 horas: Festival de Folclore com os grupos «Cancioneiro de Águeda» e «Típico da Região do Vouga». **QUARTA-FEIRA 15:** Colóquio sob o tema «Esquemas de Produção de Leite e Carne», às 22.30 horas, seguido de debate. **QUINTA-FEIRA, 16,** às 16 horas: Gincana de Tractores. **SEXTA-FEIRA, 17:** Colóquio subordinado ao tema «Aproveitamento do Vouga» (às 20.30 horas) seguido de debate. **SÁBADO, 18:** Concurso pecuário da espécie equina, distribuição de prémios, espectáculo de teatro pelo CETA (com a peça «Falatório da Ruzante de Volta da Guerra») e audição pelo «Coral Vera Cruz» — respectivamente, às 14, 17, 21 e 22 horas. **DOMINGO, 19:** Concurso de carcaças, leilão das mesmas, leilão de bovinos sem registo genealógico e encerramento da Exposição-Feira — respectivamente, às 9, 9.30 10 e 24 horas.

Em todos os dias, entre as 10 e as 24 horas, manter-se-ão expostos: material agrícola e equipamento tecnológico; equipamento de explorações leiteiras, da indústria de leite e lacticínios e produtos alimentares; aves exóticas e canoras; documentos; e vinhos regionais — aqui com prova e venda dos mesmos.

Estará presente a Cooperativa Agrícola dos Produtores de Sal de Aveiro, com um palheiro de salina, uma miniatura de marinha com seus característicos montes de sal e alfaias da respectiva faina. Prevê-se, neste domínio da tão característica produção local, uma agradável surpresa «lagunar», porventura aproveitando a estadia de membros do Governo.

Considerações marginais

história e pelos seus grandes Homens (com letra maiúscula); é tempo de se governar o País sem demagogias, para que seja considerado por TODOS os outros países com o maior respeito, dignidade e isenção; para que, no mais curto espaço de tempo, se veja livre da grande crise que atravessa.

Mas, «tirar o casaco», em actos concretos mesmo de tirar o casaco, **não me parece que tal possa ser levado a exagero, em certos actos que não comportam certos desleixos de vestuário.**

Francamente: não gostei que o nosso Primeiro Ministro, senhor Dr. Mário Soares, (julgo até que em representação do Governo), na cerimónia da inauguração do monumento ao intemerato General Humberto Delgado, no dia 22 do mês transacto em Cela-a-Velha, Alcobaça, (e o preito era ali, mas de todo o Povo português), se apresentasse de casaco aberto, camisa desabotoada, sem gravata, com um à-vontade que, sem dúvida, lhe é peculiar, mas que, naquele acto (excepcional pelo intuito e significado), creio poder classificar de excessivo desalinho em que alguém descortinou, segundo me disse, uma atitude de demagogia «barata».

Isto o afirmamos porque até já vimos o senhor Dr. Mário Soares, em várias circunstâncias e em actos de banalíssima expressão, muito bem encasacado, muito burguesmente engravatado; e tal se deu, por vezes, em ambientes onde o excessivo calor até justificaria o tronco nú e as cómodas sandálias... franciscanas.

Ora a memória de Humberto Delgado bem merecia, creio, pelo menos, a sacrifício da gravata.

O presente reparo — que faço aliás com o devido respeito — é só meu: mas traduz os muitos e idênticos reparos coincidentes, que ouvi a muitas e assisadas vozes.

Virá a propósito referir um facto que ocorreu, no «Teatro Aveirense», aquando de um recital, ali por um grupo folclórico russo: estavam a meu lado espectadores de camisa aberta, mangas arregaçadas, com ares de grandes trabalhadores (e alguns deles, bem os conheço, morrem... por não fazer nadinha); e comentavam o facto dos componentes daquele magnífico grupo, qu mostrava ali os seus irrecusáveis e aliciantes merecimentos, se apresentarem ricamente trajados. Para além da ignorância de tais comentadores — pois não se tratava de uma exibição folclórica?! —, vi nas suas críticas o desejo, que eles dirão «progressista», de que mais ajustado ficaria ao excelente grupo soviético o fato-macaco.

Quanto atrás dizemos não minimiza os reais e substanciais méritos do senhor Dr. Mário Soares: a sua desleixada apresentação entrará no cômputo dos pequenos e bem humanos defeitos comuns a todos os homens — só que o actual Primeiro Ministro não é um homem comum; e, sendo popularíssimo, não carece de atitudes por demais «popularuchas» para se mostrar ao rés do Povo.

Esta crítica, no fundo, é uma merecida homenagem ao ilustre homem público.

ARNILDE ALBERTO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sábado	MOURA
Domingo . . .	CENTRAL
Segunda . . .	MODERNA
Terça	ALA
Quarta	AVEIRENSE
Quinta	AVENIDA
Sexta	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Pelo CONSERVATÓRIO REGIONAL

Foram os seguintes os resultados oficiais obtidos pelos alunos de música do Conservatório Regional de Calouste Gulbenkian desta cidade:

2.º Ano de Educação Musical Básica: 18 aptos; 1 não apto; faltaram 2.

4.º Ano de Educação Musical Básica: 4 aptos; faltaram 2.

1.º Ano de Acústica: 5 aptos.

6.º Ano Geral de Piano: 1 apto.

4.º Ano de Clarinete: 1 apto.

Pela DELEGAÇÃO DE SAÚDE DO DISTRITO DE AVEIRO

No Diário da República n.º 206, II Série, de 2 de Setembro corrente, vem publicado um aviso de abertura de concurso documental, para o provimento do lugar vago de Delegado de Saúde de 1.ª classe do quadro de pessoal dirigente dos Serviços locais da Direcção-Geral de Saúde, para o concelho de Aveiro.

As condições de admissão vêm expressas no referido Diário, podendo os interessados obter informações complementares na Delegação de Aveiro.

BOLSAS DE ESTUDO PARA CURSOS DE ENFERMAGEM

A Comissão Administrativa da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro abriu concurso, com termo em 15 do corrente, para a concessão de bolsas de estudo a alunos dos cursos de enfermagem, nos termos das disposições regulamentares.

Os interessados poderão obter mais esclarecimentos na Secção de Pessoal da Caixa, das 9 às 12.30 e das 14 às 18 horas dos dias úteis.

MATRÍCULAS NO INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO

As matrículas no Instituto Superior de Contabilidade e Administração desta cidade decorrerão, para os novos alunos, de 10 a 20 do corrente. Para os antigos alunos, o prazo termina hoje, 10.

ORDENAÇÃO SACERDOTAL

O Prelado da Diocese, D. Manuel de Almeida Trindade, com a presença do Bispo Auxiliar de Aveiro, D. António dos Santos, ordenará, na ordem do presbiterado, o diácono António Dias Araújo, natural de Cristelo, da freguesia da Branca, que já vinha prestando serviço na paróquia de Oiã.

NOVAS ESCOLAS DO CICLO PREPARATÓRIO

Ainda que em edifícios provisórios, pensa-se em instalar, em Outubro próximo, escolas do Ciclo Preparatório em Eixo, Oliveirinha e Cacia, três das mais populosas freguesias do nosso concelho.

Entretanto, técnicos do M.E.I.C. estudam o problema da localização e construção dos futuros edifícios escolares.

DA PESCA DO BACALHAU

● O arrastão «Coimbra», da Empresa de Pesca de S. Jacinto, entrou a barra de Aveiro, com um carregamento de cerca de 14 mil quintais de bacalhau, 150 toneladas de peixe congelado e 40 toneladas de óleo de fígado de bacalhau.

● Chegou, igualmente, o arrastão «Navegante», da Empresa João Maria Vilarinho, com perto de 8 mil quintais de bacalhau.

CIRCO SOBRE GELO EM AVEIRO

De 1 a 15 de Dezembro próximo, a Companhia de Circo «Bush-Berlin Circus» dará uma série de espectáculos nesta cidade, apresentando alguns números artísticos sobre gelo.

ACIDENTES

● Vítima de atropelamento, na Avenida Marginal da praia da Costa Nova, viria a falecer, no Hospital desta cidade, horas depois de ter dado ali entrada, o menor de 7 anos Rui Manuel Lopes Peralta, filho da sr.ª D. Maria Helena Lopes Peralta e do sr. Manuel Lopes Peralta, residentes no vizinho lugar do Solposto.

● Na última sexta-feira, morreu afogado, nas proximidades da «Meia-Laranja», na praia da Barra, o empregado do Hotel da Barra José Luís Manuel Pedro dos Santos, de 17 anos de idade, cujo corpo somente viria a aparecer na manhã do passado dia 6, junto do molhe-Sul da barra aveirense.

PARTIDO SOCIALISTA

● Aproveitando a data de 1 do corrente — em que se completou o primeiro ano de publicação do «Jovem Socialista», órgão central da Juventude Socialista, que se edita, quinzenalmente, nos dias 1 e 15 — foi-nos endereçada, pelo Secretariado da J.S. de Aveiro, uma carta amabilíssima, em que se nos agradece «toda a colaboração que sempre» lhe temos «prestado».

Registamos a deferência — e acrescentaremos: estando as colunas do «Litoral» abertas, sem discriminações, a quem quer que «responsabilizadamente», se lhe dirija (queremos dizer: com inequívoca firma), o P.S. tem sido dos raros sectores políticos que têm cumprido com esta indispensável garantia. E já agora — porque a propósito: nada daremos à estampa que nos não venha assinado (até porque, apesar de cautos, por pouco, e não há muito, íamos metendo o «pé na argola»).

● *Do Secretariado da Secção de Aveiro do P.S., recebemos, com data de 6 do corrente, a seguinte informação:*

Prosseguindo as suas iniciativas de formação política e cultural, a Secção de Aveiro do P.S. vai realizar, às sextas-feiras, pelas 21.30 horas, na sua sede, uma série de sessões de reflexão e estudo crítico sobre o marxismo, abertas a filiados e simpatizantes.

A primeira reunião terá lugar em 10 de Setembro, a cargo do socialista DIAMANTINO LEMOS, que aliás coordena a realização de todo o programa, aguardando-se com expectativa a vinda a Aveiro de diversas figuras do P.S., que desenvolverão alguns dos seguintes temas: 1 — Introdução; 2 — Antecedentes Históricos; 2.1. — Hegelianismo; 2.2. — Correntes Hegelianas: a. — Idealismo; b. — Materialismo. 3 — Fundadores do Marxismo; 3.1. — Marx e Engels; 3.2. — Os discípulos de Marx e Engels; 3.3. — Expansão das ideias Marxistas. 4 — Leninismo. 5 — Estalinismo. 6 — Adversários do Marxismo. 7 — Outras correntes do pensamento Socialista. 8 — Filosofia Marxista (Materialismo dialéctico). 9 — Sociologia Marxista (Materialismo histórico). 10 — Economia Política Marxista. 11 — Marxismo e Religião. 12 — Marxismo e Moral. 13 — Marxismo e Família. 14 — Antropologia Marxista. 15 — Marxismo e Delinquência: a. — Criminalidade; b. — Penas. 16 — Marxismo e Estado. 17 — Teoria e táctica do Movimento Comunista Internacional.

TRAGÉDIA QUE PODIA TER SIDO ENORME TRAGÉDIA

Ao começo da tarde de segunda-feira última, 6, e na E.N. 109, em Salreu, um camião-cisterna, com gasóleo e gasolina (crendo-se que por avaria mecânica dos órgãos de direcção), desgovernou-se, derrubou um poste de electricidade, abateu um muro e voltou-se, depois de ter arrastado um automóvel ligeiro.

O derrame dos combustíveis, que viriam a inflamar-se, foi prenúncio de tragédia que, felizmente, viria a ser minimizada nas suas previsíveis consequências, pela rápida e eficiente acção de várias corporações de bombeiros. Todavia os prejuízos — com o incêndio de imóveis e viaturas — comportam-se em 8 mil contos.

O pior foi que numerosos bombeiros ficaram feridos — felizmente sem gravidade — tendo sido transportados, em ambulâncias e helicóptero, a diversos hospitais.

Do acontecimento daremos mais pormenorizada notícia no próximo número: é que não conseguimos, até ao fecho desta página, todos os indispensáveis pormenores para um concreto relato.

COMISSÃO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO DO VOUGA (CADERVO)

Com data de 7, recebemos, anteontem, do Governo Civil de Aveiro, o seguinte auspicioso comunicado:

Com vista à coordenação, dinamização e orientação dos estudos do planeamento integrado a desenvolver na Região do Vouga, foi decidido criar, junto do Governo Civil de Aveiro, uma Comissão de Apoio ao Desenvolvimento da Região do Vouga (CADERVO) que será constituída, para já, pelas seguintes entidades: Dr. Jaime Rodrigues Machado, da Estação de Fomento Pecuário; Eng.º Carlos Maia, do Instituto de Reorganização Agrária; Eng.º João de Oliveira Barrosa, da Junta Autónoma do Porto de Aveiro; Comandante Faria dos Santos, da Capitania do Porto de Aveiro; Eng.º Adolfo da Cunha Amaral, da Direcção de Urbanização; Eng.º Antas Martins, da Direcção de Estradas; e Dr. Lopes Alves, da Direcção Hidráulica do Mondego (Secção de Aveiro).

Muito embora seja de carácter eminentemente técnico esta Comissão, entendeu-se útil fazer participar nela representantes das forças vivas locais, nomeadamente autarquias, Universidade de Aveiro, União dos Sindicatos e Associações Empresariais.

Entretanto, por despacho de 13-8-76 do Senhor Secretário de Estado dos Recursos Hídricos e do Saneamento Básico, foi designado o sr. Eng.º-Agrónomo Manuel Ferreira Jacob para, em representação da Direcção Geral dos Recursos e Aproveitamento Hidráulicos, integrar a referida Comissão, onde desempenhará as funções de coordenador e dinamizador.

Do trabalho a desenvolver pela CADERVO grandes benefícios podem resultar para a Região do Vouga, pois só com a sua criação será possível superar a presente situação da total desarticulação de planeamento dos vários serviços e fazer introduzir nesse planeamento as necessárias correcções à luz de uma visão global do desenvolvimento regional.

...O CIVIL, ...BALHO

D... operários ... Marmo... Distri... anos, com ... a que ... anui... ...ernação:

Corr... convite *feito ... Construção ..., para aclara... são dirrecta ... os problemas ... es respeitante ... numa clara ... de vontade ... este órgão ... na sua análise ... cam-se a Avei... Setembro ... Estado da Con... Habitação e T...*

Este ... programado ..., sendo a da ... reservad... ente ao contacto ... do Governo ... hadores na sede ... e a da tarde, ... ural da Câmara ... bém às autarqui... presentantes d...

FEST... GIOSAS ... ABUEIRA

No ... ingo, 12, realizar... pela de Santa ... na, na próxima ... Tabueira, diver... tes religiosas ... Santíssimo Sa... 8 horas, a ... missa dominica... missa solene, ... pelo grupo c... localidade, e ... ene das crianças ... seguida, procis... (pelo itinerári... com a participa... Bingre Canelense...

Capitão A...s

Depois ... internado na Casa ... Vera-Cruz, em Aveir... em, na Casa de S... no Porto, onde foi s... operação cirúrgica ... essou já à sua resi... onde se encontr... convalescença, o nosso ... amigo Capitão ... Amaral Brites, a ... um rápido e c... ecimento.

Continuação da 1.ª página

a própria crítica não foge à condenação de divisionista ou reaccionária, resta que o tempo, convertido pelo Homem em História, transforme, à custa de infandos Galileus, a pedra monolítica de Kaaba em cinzas de nova Fénix!

Há dogmatismos que, se não param a História, a travam à custa de Narcisos ou Sísifos inocentes!

Mas deixemo-nos de meias palavras. Finalmente! As meias palavras eram revolucionárias antes da Revolução. Agora, depois da Revolução, são anti-revolucionárias as meias palavras.

E se algo nós não somos, — porque nunca o fomos —,

REQUERE-SE - *Revolução no Conservatório*

é não termos pertencido nunca aos homens dos jornais de Bonn de que nos fala Franz Böckle.

Há cem anos, os jornais de Colónia protestaram contra o projecto de iluminar as ruas com gás. Sustentavam que a luz na noite era uma violação da vontade divina. Deus havia querido a escuridão e, por conseguinte, os homens não tinham o direito a suprimi-la nas ruas.

Pois nós sempre fomos pela Luz! Por tal, até nos deixámos queimar nas mãos, para que se apressasse a hora do Sol...

E porque a *noite é capa dos Pobres*, pelos Pobres sempre nós fomos!... Entendido? E foi, afinal, quando o dia, por Milagre, veio (e dizemos que veio por milagre, porque não foi nenhum de nós, noctívagos, que o fez vir!) que então descobrimos que camaradas nossos eram só adolescentes e não adultos... Eram (e não serão?) só anti! Ora, hoje mais do que nunca, não basta destruir — é preciso construir. Não basta ser anti-fascista; é urgente ser-se democrata! Não basta servir-se do Povo; é imperioso servir o Povo! Não basta ser anti-capitalista; é flagrante ser-se socialista. Não basta ser contra os ricos; é necessário ser-se pelos Pobres. Se se for só oposição, poderemos ter um novo capitalismo de Estado. E então, a revolução foi apenas uma mudança de patrão...

Ora a Oposição, que os tornava imaculados Galileus, também os fazia ineficazes Cândidos, cultivando na sua torre de Anto a flor murcha da sua *condição* de Sísifos, enquanto, já velho Diógenes, me queimava na minha *missão* de Prometeu acendendo na Ágora a luz do Olimpo em busca de homens para os caminhos de Katmandu!...

A verdade é que as revoluções não são suficientemente revolucionárias. Deixam os traumas do íntimo humano. E hoje, em Democracia rumo ao Socialismo, estamos ainda em reinos da Traulitânia! Não queriam, hoje, os C.T.T. que, por lei, fosse reinstalado o processo pidesco de escutas e violação de correspondência, que só agora Mário Soares foi arrancar de S. Bento? Não queria o hegeliano Correia Jesuíno instaurar um processo mais tenebroso do que a Censura? E não falemos já do reinado gonçalvista... porque a Inquisição, — o absolutismo dum bem obrigatório —, ainda nos espreita, a nós portugueses ainda afeitos ao jugo de 48 anos de fascismo.

Pois as revoluções não são suficientemente revolucionárias. Nascerá, o nosso ódio aos ricos, do nosso amor aos pobres? Não haverá hoje mais ódio aos ricos do que amor aos pobres? Onde está, por exemplo, o nosso internacionalismo proletário se não há comunhão humana, nenhuma possível, com o proletariado rural? Quem da Cintura Industrial entra em greve até que Trás-os-Montes seja igual ao Barreiro?

Admiro os Serras e os Moitas!

Mas até o Padre Maximino estava bem longe de SER um Camilo Torres. (Aqui, discordo de Fernando Belo!). E quando terá Portugal o seu Arcel, para não dizer o seu Février ou o seu Loew?

Basta, senhores! A Revolução em Portugal morre de palavras. Basta. Perante a Vida, todos nós somos alienados. Amesendamo-nos com a própria Revolução. É este o pecado mortal dos revolucionários... Até eu que ainda não fui capaz de levar ao fim a minha força de revolucionar-me, revolucionando o Mundo, até eu me aburguesei no na minha consciência aquietando-me só porque finalmente fui capaz de dizer agora isto, que há muito penso.

Basta de palavras; vamos à revolução.

Deixemos, portanto, as meias palavras.

Deixemos, pois, de ter ideias; vamos a pensar!

Mas, afinal, a revolução é só de hoje? Será ela apenas nossa?

É que isto já Alain o dizia... Por mais revolucionários que sejamos, não há cale que, em flor, nos desabroche nas mãos, sem que a raiz se oculte nas leivas. Por mais que se ignore, a Revolução tem raízes desconhecidas e procura céus ignotos... E também nesta perspectiva, se deveria repetir que Marx é *mais do que* marxista!...

Mas não tem mais fim, este caminhar da fuga em que a pena me fugiu atrás do pensamento...

Queria dizer hoje, de caras, o que há uns anos disse, no «Correio do Vouga», a respeito do concerto da pianista D. Melina, então professora também no Conservatório de Aveiro:

— Tocar Música, ensinar Música? Para quê? A quem?

Saber-se-á em Aveiro que se fez em Portugal, não uma revolta, mas uma revolução?

A quem vai servir a integração do Conservatório na Universidade? Vai continuar-se a servir os gostos burgueses da burguesia... A menina que aprende a tocar piano para fazer melhor salão aos convidados para o chá das cinco!

Já se pensou em pôr a Música ao serviço duma cultura do Povo?

E o que se diz do Conservatório, que se diga também da galeria (mais uma!) que a Câmara quer abrir junto ao «Café Ria». Não nos faltam galerias. O que é urgente é fomentar pintores, é levar o Povo à pintura...

Sem isto, tudo o mais é trabalhar para a... galeria! O povo diria: é trabalhar para o boneco...

MÁRIO DA ROCHA

DAR SANGUE É UM DEVER

Temas Napoleónicos

Continuação da 1.ª página

influência dos esquadrões do fabuloso Murat nos desenlaces de Rivoli, Abukir, Eylau, Konigsberg, Borodino. As nossas frequentes alusões ao extraordinário general-cavaleiro — menos prolixas, aliás, do que as suas proezas épicas — cingem-se conscientemente ao plano militar e colocam-se dentro das mais modernas averiguações dos especialistas sobre a capacidade do rei de Nápoles, grão-duque de Berg e de Clèves. E também se justificam pelo que a seu respeito escreveu Napoleão — desde Abukir («o ganho desta batalha deve-se principalmente ao general Murat, que com a sua brigada operou maravilhas e ficou dono e senhor do campo») até Waterloo («com Murat à frente da minha cavalaria, nunca teria sido batido»).

O relevante, após Marengo, foi o tirar-de-máscara de Bonaparte e a sua definição a curto prazo como autocrata, de índole naturalmente refractária a quaisquer compromissos sérios com a esquerda — ou, mesmo, o centro. O êxito decisivo de Moreau em Hohenlinden, obrigando os austríacos a ajoelhar no tratado de Luneville, poucos meses depois de Marengo, quase deixou entrever uma distribuição relativa de prestígio entre os dois cabos de guerra — favorável à democracia das instituições. Mas Napoleão era Napoleão e Moreau nunca passou de Moreau. A paz de Amiens, ajustada pelo Primeiro Cônsul com a Inglaterra, tornou-o mais popular do que nunca numa França mergulhada em plena luta de classes. Enquanto o povo, pobre maioria insignificativa e enganada, erguia estandartes românticos contra os realistas — que, como «fracos», igualmente desagradavam ao ditador —, Bonaparte jugulava golpe a golpe os esquerdistas, que sempre detestara. Através da frieza policíaca e activamente feroz do malandro Fouché, ou das pérfidas habilidades do suave Talleyrand, efectivava-se a repressão organizada e contínua dos jacobinos, temidos como peça fundamental — e a destruir — do processo em evolução. As amizades com o irmão de Robespierre inseriam-se num passado a apagar.

A aura de pacificador conseguida mediante Amiens e a Concordata assinada, cerca de ano e meio antes, com o Papa Pio VII, garantiam a Napoleão o apoio desavisado das massas, a consolidar por factos que trataremos proximamente. Thiébault, velho homem da Convenção, que votara a morte do rei, escreve a Bonaparte: «quem fez a Revolução não pode opor-se aos que são contra ela; e daí vir assegurar-vos a nossa ajuda». Era mais uma opinião, a juntar-se à de tanta gente honrada e — aqui, Ormesson não se distancia de Tarlé — que há-de contribuir para a morte da Revolução por ingenuidade das intenções. Puerilmente invertíveis.

A grande burguesia, ainda não posta a ridículo pelos romances de Balzac, ainda não retratada pelas caricaturas de Dammien, ainda não sujeita ao escalpelo definitivamente crítico de Marx, assumia galhardamente o papel de sustentáculo da formidável espada que iria atemorizar a Europa. Por alguma razão, de considerável peso histórico e político, a alegria imperava nas proximidades da Bolsa, nas avenidas elegantes de Paris, nos salões dos banqueiros e mercadores de vulto, quando foi enfim trombeteada a notícia da vitória de Marengo. Os elefantes de Aníbal, que tanto haviam assustado os romanos, eram heroicamente substituídos pelas mulas que Napoleão utilizara na passagem do São Bernardo...

E o «general Vendimário» — por acaso general de promoção correcta, e não general graduado por obra do interesse dos políticos ligado às mais vãs ambições humanas — envergava discretamente outro uniforme e preparava novos caminhos. Parece-nos que Engels foi demasiado tardio, ou em extremo prudente, ao fixar a nascença da autocracia napoleónica no casamento com a arquiduquesa Maria-Luísa de Habsburgo-Lorena. Uma senhora de quem ainda falaremos.

JORGE MENDES LEAL

FARMÁCIAS DE SERVIÇO	
Sábado	MOURA
Domingo	CENTRAL
Segunda	MODERNA
Terça	ALA
Quarta	AVEIRENSE
Quinta	AVENIDA
Sexta	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Pelo CONSERVATÓRIO REGIONAL

Foram os seguintes os resultados oficiais obtidos pelos alunos de música do Conservatório Regional de Calouste Gulbenkian desta cidade:

2.º Ano de Educação Musical Básica: 18 aptos; 1 não apto; faltaram 2.

4.º Ano de Educação Musical Básica: 4 aptos; faltaram 2.

1.º Ano de Acústica: 5 aptos.

6.º Ano Geral de Piano: 1 apto.

4.º Ano de Clarinete: 1 apto.

Pela DELEGAÇÃO DE SAÚDE DO DISTRITO DE AVEIRO

No Diário da República n.º 206, II Série, de 2 de Setembro corrente, vem publicado um aviso de abertura de concurso documental, para o provimento do lugar vago de Delegado de Saúde de 1.ª classe do quadro de pessoal dirigente dos Serviços locais da Direcção-Geral de Saúde, para o concelho de Aveiro.

As condições de admissão vêm expressas no referido Diário, podendo os interessados obter informações complementares na Delegação de Aveiro.

BOLSAS DE ESTUDO PARA CURSOS DE ENFERMAGEM

A Comissão Administrativa da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro abriu concurso, com termo em 15 do corrente, para a concessão de bolsas de estudo a alunos dos cursos de enfermagem, nos termos das disposições regulamentares.

Os interessados poderão obter mais esclarecimentos na Secção de Pessoal da Caixa, das 9 às 12.30 e das 14 às 18 horas dos dias úteis.

MATRÍCULAS NO INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO

As matrículas no Instituto Superior de Contabilidade e Administração desta cidade decorrerão, para os novos alunos, de 10 a 20 do corrente. Para os antigos alunos, o prazo termina hoje, 10.

ORDENAÇÃO SACERDOTAL

O Prelado da Diocese, D. Manuel de Almeida Trindade, com a presença do Bispo Auxiliar de Aveiro, D. António dos Santos, ordenará, na ordem do presbiterado, o diácono António Dias Araújo, natural de Cristelo, da freguesia da Branca, que já vinha prestando serviço na paróquia de Oiã.

NOVAS ESCOLAS DO CICLO PREPARATÓRIO

Ainda que em edifícios provisórios, pensa-se em instalar, em Outubro próximo, escolas do Ciclo Preparatório em Eixo, Oliveirinha e Cacia, três das mais populosas freguesias do nosso concelho.

Entretanto, técnicos do M.E.I.C. estudam o problema da localização e construção dos futuros edifícios escolares.

DA PESCA DO BACALHAU

● O arrastão «Coimbra», da Empresa de Pesca de S. Jacinto, entrou a barra de Aveiro, com um carregamento de cerca de 14 mil quintais de bacalhau, 150 toneladas de peixe congelado e 40 toneladas de óleo de fígado de bacalhau.

● Chegou, igualmente, o arrastão «Navegante», da Empresa João Maria Vilarinho, com perto de 8 mil quintais de bacalhau.

CIRCO SOBRE GELO EM AVEIRO

De 1 a 15 de Dezembro próximo, a Companhia de Circo «Bush-Berlin Circus» dará uma série de espectáculos nesta cidade, apresentando alguns números artísticos sobre gelo.

ACIDENTES

● Vítima de atropelamento, na Avenida Marginal da praia da Costa Nova, viria a falecer, no Hospital desta cidade, horas depois de ter dado ali entrada, o menor de 7 anos Rui Manuel Lopes Peralta, filho da sr.ª D. Maria Helena Lopes Peralta e do sr. Manuel Lopes Peralta, residentes no vizinho lugar do Solposto.

● Na última sexta-feira, morreu afogado, nas proximidades da «Meia-Laranja», na praia da Barra, o empregado do Hotel da Barra José Luís Manuel Pedro dos Santos, de 17 anos de idade, cujo corpo somente viria a aparecer na manhã do passado dia 6, junto do molhe-Sul da barra aveirense.

PARTIDO SOCIALISTA

● Aproveitando a data de 1 do corrente — em que se completou o primeiro ano de publicação do «Jovem Socialista», órgão central da Juventude Socialista, que se edita, quinzenalmente, nos dias 1 e 15 — foi-nos endereçada, pelo Secretariado da J.S. de Aveiro, uma carta amabilíssima, em que se nos agradece «toda a colaboração que sempre» lhe temos «prestado».

Registamos a deferência — e acrescentaremos: estando as colunas do «Litoral» abertas, sem discriminações, a quem quer que *responsabilizadamente*, se lhe dirija (queremos dizer: com inequívoca firma), o P.S. tem sido dos raros sectores políticos que têm cumprido com esta indispensável garantia. E já agora — porque a propósito: nada daremos à estampa que nos não venha assinado (até porque, apesar de cautos, por pouco, e não há muito, iamos metendo o «pé na argola»).

● *Do Secretariado da Secção de Aveiro do P.S., recebemos, com data de 6 do corrente, a seguinte informação:*

Prosseguindo as suas iniciativas de formação política e cultural, a Secção de Aveiro do P.S. vai realizar, às sextas-feiras, pelas 21.30 horas, na sua sede, uma série de sessões de reflexão e estudo crítico sobre o marxismo, abertas a filiados e simpatizantes.

A primeira reunião terá lugar em *10 de Setembro*, a cargo do socialista DIAMANTINO LEMOS, que aliás coordena a realização de todo o programa, aguardando-se com expectativa a vinda a Aveiro de diversas figuras do P.S., que desenvolverão alguns dos seguintes temas: 1 — Introdução; 2 — Antecedentes Históricos; 2.1. — Hegelianismo; 2.2. — Correntes Hegelianas: a. — Idealismo; b. — Materialismo. 3 — Fundadores do Marxismo; 3.1. — Marx e Engels; 3.2. — Os discípulos de Marx e Engels; 3.3. — Expansão das ideias Marxistas. 4 — Leninismo. 5 — Estalinismo. 6 — Adversários do Marxismo. 7 — Outras correntes do pensamento Socialista. 8 — Filosofia Marxista (Materialismo dialéctico). 9 — Sociologia Marxista (Materialismo histórico). 10 — Economia Política Marxista. 11 — Marxismo e Religião. 12 — Marxismo e Moral. 13 — Marxismo e Família. 14 — Antropologia Marxista. 15 — Marxismo e Delinquência: a. — Criminalidade; b. — Penas. 16 — Marxismo e Estado. 17 — Teoria e táctica do Movimento Comunista Internacional.

TRAGÉDIA QUE PODIA TER SIDO ENORME TRAGÉDIA

Ao começo da tarde de segunda-feira última, 6, e na E.N. 109, em Salreu, um camião-cisterna, com gasóleo e gasolina (crendo-se que por avaria mecânica dos órgãos de direcção), desgovernou-se, derrubou um poste de electricidade, abateu um muro e voltou-se, depois de ter arrastado um automóvel ligeiro.

O derrame dos combustíveis, que viriam a inflamar-se, foi pronúncio de tragédia que, felizmente, viria a ser minimizada nas suas previsíveis consequências, pela rápida e eficiente acção de várias corporações de bombeiros. Todavia os prejuízos — com o incêndio de imóveis e viaturas — comportam-se em 8 mil contos.

O pior foi que numerosos bombeiros ficaram feridos — felizmente sem gravidade — tendo sido transportados, em ambulâncias e helicóptero, a diversos hospitais.

Do acontecimento daremos mais pormenorizada notícia no próximo número: é que não comseguimos, até ao fecho desta página, todos os indispensáveis pormenores para um concreto relato.

COMISSÃO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO DO VOUGA (CADERVO)

Com data de 7, recebemos, anteontem, do Governo Civil de Aveiro, o seguinte auspicioso comunicado:

Com vista à coordenação, dinamização e orientação dos estudos do planeamento integrado a desenvolver na Região do Vouga, foi decidido criar, junto do Governo Civil de Aveiro, uma Comissão de Apoio ao Desenvolvimento da Região do Vouga (CADERVO) e que será constituída, para já, pelas seguintes entidades: Dr. Jaime Rodrigues Machado, da Estação de Fomento Pecuário; Eng.º Carlos Maia, do Instituto de Reorganização Agrária; Eng.º João de Oliveira Barrosa, da Junta Autónoma do Porto de Aveiro; Comandante Faria dos Santos, da Capitania do Porto de Aveiro; Eng.º Adolfo da Cunha Amaral, da Direcção de Urbanização; Eng.º Antas Martins, da Direcção de Estradas; e Dr. Lopes Alves, da Direcção Hidráulica do Mondego (Secção de Aveiro).

Muito embora seja de carácter eminentemente técnico esta Comissão, entendeu-se útil fazer participar nela representantes das forças vivas locais, nomeadamene autarquias, Universidade de Aveiro, União dos Sindicatos e Associações Empresariais.

Entretanto, por despacho de 13-8-76 do Senhor Secretário de Estado dos Recursos Hídricos e do Saneamento Básico, foi designado o sr. Eng.º-Agrónomo Manuel Ferreira Jacob para, em representação da Direcção Geral dos Recursos e Aproveitamento Hidráulicos, integrar a referida Comissão, onde desempenhará as funções de coordenador e dinamizador.

Do trabalho a desenvolver pela CADERVO grandes benefícios podem resultar para a Região do Vouga, pois só com a sua criação será possível superar a presente situação da total desarticulação de planeamento dos vários serviços e fazer introduzir nesse planeamento as necessárias correcções à luz de uma visão global do desenvolvimento regional.

REQUERE-SE - *Revolução no Conservatório*

Continuação da 1.ª página

a própria crítica não foge à condenação de divisionista ou reaccionária, resta que o tempo, convertido pelo Homem em História, transforme, à custa de infefandos Galileus, a pedra monolítica de Kaaba em cinzas de nova Fénix!

Há dogmatismos que, se não param a História, a travam à custa de Narcisos ou Sísifos inocentes!

Mas deixemo-nos de meias palavras. Finalmente! As meias palavras eram revolucionárias antes da Revolução. Agora, depois da Revolução, são anti-revolucionárias as meias palavras.

E se algo nós não somos, — porque nunca o fomos —, é não termos pertencido nunca aos homens dos jornais de Bonn de que nos fala Franz Böckle.

Há cem anos, os jornais de Colónia protestaram contra o projecto de iluminar as ruas com gás. Sustentavam que a luz na noite era uma violação da vontade divina. Deus havia querido a escuridão e, por conseguinte, os homens não tinham o direito a suprimi-la nas ruas.

Pois nós sempre fomos pela Luz! Por tal, até nos deixámos queimar nas mãos, para que se apressasse a hora do Sol...

E porque a *noite é capa dos Pobres*, pelos Pobres sempre nós fomos!... Entendido? E foi, afinal, quando o dia, por Milagre, veio (e dizemos que veio por milagre, porque não foi nenhum de nós, noctívagos, que o fez vir!) que então descobrimos que camaradas nossos eram só amantes e não adultos... Eram (e não serão?) só anti! Ora, hoje mais do que nunca, não basta destruir — é preciso construir. Não basta ser anti-fascista; é urgente ser-se democrata! Não basta servir-se do Povo; é imperioso servir o Povo! Não basta ser anti-capitalista; é flagrante ser-se socialista. Não basta ser contra os ricos; é necessário ser-se pelos Pobres. Se se for só oposição, poderemos ter um novo capitalismo de Estado. E então, a revolução foi apenas uma mudança de patrão...

Ora a Oposição, que os tornava imaculados Galileus, também os fazia ineficazes Cândidos, cultivando na sua torre de Anto a flor murcha da sua *condição* de Sísifos, enquanto, já velho Diógenes, me queimava na minha *missão* de Prometeu acendendo na Ágora a luz do Olimpo em busca de homens para os caminhos de Katmandu!...

A verdade é que as revoluções não são suficientemente revolucionárias. Deixam os traumas do íntimo humano. E hoje, em Democracia rumo ao Socialismo, estamos ainda em reinos da Traulitânia! Não queriam, hoje, os C.T.T. que, por lei, fosse reinstalado o processo pidesco de escutas e violação de correspondência, que só agora Mário Soares foi arrancar de S. Bento? Não queria o hegeliano Correia Jesuíno instaurar um processo mais tenebroso do que a Censura? E não falemos já do reinado gonçalvista... porque a Inquisição, — o absolutismo dum bem obrigatório —, ainda nos espreita, a nós portugueses ainda afeitos ao jugo de 48 anos de fascismo.

Pois as revoluções não são suficientemente revolucionárias. Nascerá, o nosso ódio aos ricos, do nosso amor aos pobres? Não haverá hoje mais ódio aos ricos do que amor aos pobres? Onde está, por exemplo, o nosso internacionalismo proletário se não há comunhão humana, nenhuma possível, com o proletariado rural? Quem da Cintura Industrial entra em greve até que Trás-os-Montes seja igual ao Barreiro?

Admiro os Serras e os Moitas!

Mas até o Padre Maximino estava bem longe de SER um Camilo Torres. (Aqui, discordo de Fernando Belo!). E quando terá Portugal o seu Arcel, para não dizer o seu Février ou o seu Loew?

Basta, senhores! A Revolução em Portugal morre de palavras. Basta. Perante a Vida, todos nós somos alienados. Amesendamo-nos com a própria Revolução. É este o pecado mortal dos revolucionários... Até eu me ainda não fui capaz de levar ao fim a minha força de revolucionar-me, revolucionando o Mundo, até eu me aburguesei na minha consciência aquietando-me só porque finalmente fui capaz de dizer agora isto, que há muito penso.

Basta de palavras; vamos à revolução.

Deixemos, portanto, as meias palavras.

Deixemos, pois, de ter ideias; vamos a pensar!

Mas, afinal, a revolução é só de hoje? Será ela apenas nossa?

É que isto já Alain o dizia... Por mais revolucionários que sejamos, não há cale que, em flor, nos desabroche nas mãos, sem que a raiz se oculte nas leivas. Por mais que se ignore, a Revolução tem raízes desconhecidas e procura céus ignotos... E também nesta perspectiva, se deveria repetir que Marx é *mais do que* marxista!...

Mas não tem mais fim, este caminhar da fuga em que a pena me fugiu atrás do pensamento...

Queria dizer hoje, de caras, o que há uns anos disse, no «Correio do Vouga», a respeito do concerto da pianista D. Melina, então professora também no Conservatório de Aveiro.

Tocar Música, ensinar Música? Para quê? A quem?

Saber-se-á em Aveiro que se fez em Portugal, não uma revolta, mas uma revolução?

A quem vai servir a integração do Conservatório na Universidade? Vai continuar-se a servir os gostos burgueses da burguesia... A menina que aprende a tocar piano para fazer melhor salão aos convidados para o chá das cinco!

Já se pensou em pôr a Música ao serviço duma cultura do Povo?

E o que se diz do Conservatório, que se diga também da galeria (mais uma!) que a Câmara quer abrir junto ao «Café Ria». Não nos faltam galerias. O que é urgente é fomentar pintores, é levar o Povo à pintura...

Sem isto, tudo o mais é trabalhar para a... galeria! O povo diria: é trabalhar para o boneco...

MÁRIO DA ROCHA

Temas Napoleónicos

Continuação da 1.ª página

influência dos esquadrões do fabuloso Murat nos desenlaces de Rivoli, Abukir, Eylau, Konigsberg, Borodino. As nossas frequentes alusões ao extraordinário general-cavaleiro — menos prolixas, aliás, do que as suas proezas épicas — cingem-se conscientemente ao plano militar e colocam-se dentro das mais modernas averiguações dos especialistas sobre a capacidade do rei de Nápoles, grão--duque de Berg e de Clèves. E também se justificam pelo que a seu respeito escreveu Napoleão — desde Abukir («o ganho desta batalha deve-se principalmente ao general Murat, que com a sua brigada operou maravilhas e ficou dono e senhor do campo») até Waterloo («com Murat à frente da minha cavalaria, nunca teria sido batido»).

O relevante, após Marengo, foi o tirar-de-máscara de Bonaparte e a sua definição a curto prazo como autocrata, de índole naturalmente refractária a quaisquer compromissos sérios com a esquerda — ou, mesmo, o centro. O êxito decisivo de Moreau em Hohelinden, obrigando os austríacos a ajoelhar no tratado de Luneville, poucos meses depois de Marengo, quase deixou entrever uma distribuição relativa de prestígio entre os dois cabos de guerra — favorável à democracia das instituições. Mas Napoleão era Napoleão e Moreau nunca passou de Moreau. A paz de Amiens, ajustada pelo Primeiro Cônsul com a Inglaterra, tornou-o mais popular do que nunca numa França mergulhada em plena luta de classes. Enquanto o povo, pobre maioria insignificativa e enganada, erguia estandartes românticos contra os realistas — que, como «fracos», igualmente desagradavam ao ditador —, Bonaparte jugulava golpe a golpe os esquerdistas, que sempre detestara. Através da frieza policíaca e activamente feroz do malandro Fouché, ou das pérfidas habilidades do suave Talleyrand, efectivava-se a repressão organizada e contínua dos jacobinos, temidos como peça fundamental — e a destruir — do processo em evolução. As amizades com o irmão de Robespierre inseriam-se num passado a apagar.

A aura de pacificador conseguida mediante Amiens e a Concordata assinada, cerca de ano e meio antes, com o Papa Pio VII, garantiam a Napoleão o apoio desavisado das massas, a consolidar por factos que trataremos proximamente. Thiébault, velho homem da Convenção, que votara a morte do rei, escreve a Bonaparte: «quem fez a Revolução não pode opor-se aos que são contra ela; e daí vir assegurar-vos a nossa ajuda». Era mais uma opinião, a juntar-se à de tanta gente honrada e — aqui, Ormesson não se distancia de Tarlé — que há-de contribuir para a morte da Revolução por ingenuidade das intenções. Puerilmente invertíveis.

A grande burguesia, ainda não posta a ridículo pelos romances de Balzac, ainda não retratada pelas caricaturas de Dammien, ainda não sujeita ao escalpelo definitivamente crítico de Marx, assumia galhardamente o papel de sustentáculo da formidável espada que iria atemorizar a Europa. Por alguma razão, de considerável peso histórico e político, a alegria imperava nas proximidades da Bolsa, nas avenidas elegantes de Paris, nos salões dos banqueiros e mercadores de vulto, quando foi enfim trombeteada a notícia da vitória de Marengo. Os elefantes de Aníbal, que tanto haviam assustado os romanos, eram heroicamente substituídos pelas mulas que Napoleão utilizara na passagem do São Bernardo...

E o «general Vendimário» — por acaso general de promoção correcta, e não general graduado por obra do interesse dos políticos ligado às mais vãs ambições humanas — envergava discretamente outro uniforme e preparava novos caminhos. Parece-nos que Engels foi demasiado tardio, ou em extremo prudente, ao fixar a nascença da autocracia napoleónica no casamento com a arquiduquesa Maria-Luísa de Habsburgo-Lorena. Uma senhora de quem ainda falaremos.

JORGE MENDES LEAL

Continuações da última página

FUTEBOL

bendo proteger o reduto final e explorando bem o contra-ataque ,com o ariete Abel a causar constantes calafrios aos jogadores poveiros e aos seus adeptos, designadamente aos 84 m., quando o 2-1 para os beiramarenses esteve por um triz... —, ofereceu sempre boa réplica e fez jus, sem dúvida, à divisão dos pontos em disputa.

Foi, portanto, uma estreia auspiciosa a dos aveirenses. É que, contra equipa do seu campeonato, um empate fora — e logo na abertura da prova! — tem imenso valor, para além de servir, à maravilha, para fortalecer o moral da equipa e dos seus apaniguados...

VELA

Jorge Laffont Silva e João José Ferreira.

O festival náutico do corrente ano, realizado em 29 de Agosto findo, teve a participação de mais de meia centena de concorrentes e registou uma particularidade que merece ser relatada, pelo seu ineditismo: as provas decorreram justamente quando a «Sagres» entrou na barra de Lisboa e subiu o Tejo, conferindo interesse fora do vulgar ao **Torneio do «Patrão Lopes»**.

RECORTES

uma saída para esta situação. Sem dúvida.

Mas essa saída terá de ser encontrada com base nas realidades deste País».

(Palavras de Vítor Serpa, publicadas em «A Bola», de 28/8/76, a propósito das digressões que alguns clubes portugueses fizeram a terras de Espanha, «depenicando pesetas por torneios de segunda»).

Xadrez de Notícias

zam-se às segundas (18.30 às 20.30 horas e 21 às 23.30 horas), quartas (18.30 às 19.30 horas), sextas (18.30 às 20.30 horas e 21 às 23.30 horas) e sábados (9 às 11 horas), no Pavilhão do Beira-Mar.

A classificação do Troféu «Argibetão» — prémio de regularidade instituído pela Associação de Ciclismo de Aveiro —, no apuramento efectuado em 24 de Agosto findo, encontrava-se assim ordenada:

1.º — António Fernandes (Sangalhos), 106 pontos. 2.º — Venceslau Fernandes (Sangalhos), 103. 3.º — Luís Gregório (Sangalhos), 79. 4.º — Joaquim Sousa Santos (União de Coimbra), 73. 5.º — Rui Azevedo (Sangalhos), 56. 6.º — Manuel Durão (Sangalhos), 50. 7.º — Herculano Silva (União de Coimbra), 50. 8.º — Herculano de Oliveira (União de Coimbra), 48. 9.º — José Sousa Sautos (U. de Coimbra), 29. 10.º — Floriano Mendes (Sangalhos). 24.

Helder Carvalho (seniores) e António Carlos (nas restantes categorias) são os treinadores das equipas de andebol de sete do S. Bernardo.

A turma principal — «caloira» na I Divisão Nacional — contará com o mesmo «plantel» da época passada e com alguns reforços: Matos e Fortuna (ambos ex-Beira-Mar); e Heber e Madeira (ex-Académica de Coimbra — elementos que alinharam, há duas épocas, nos «auri-negros»). Anota-se, no entanto, uma baixa: o guarda-redes suplente, Maia Pereira, que se ausentou para a Venezuela.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 3 DO «TOTOBOLA»

19 de Setembro de 1976

Jogo	Prognóstico
1 — Setúbal - Boavista	1
2 — Académico - Belenenses	2
3 — Estoril - Benfica	2
4 — Braga - Guimarães	X
5 — Sporting - Portimonense	1
6 — Atlético - Leixões	1
7 — Porto - Beira-Mar	1
8 — Varzim - Montijo	1
9 — Vila Real - Salgueiros	X
10 — Caldas - Torriense	1
11 — E. Portalegre - U. Tomar	X
12 — Torres Novas - Peniche	X
13 — Esp. Lagos - Marítimo	X

Foram antecipados os seguintes desafios da segunda jornada do Campeonato Nacional da I Divisão, de domingo, para amanhã (sábado):

Belenenses - Estoril (16.30 horas), Boavista - Académico (17 horas) e Benfica-Braga (21.30 horas).

Os futebolistas das categorias jovens do Beira-Mar são orientados, esta época, pela dupla constituída pelo guarda-redes sénior Domingos (que se mantém nessas funções) e pelo desportista Aníbal Silva.

Estão em curso diligências para se efectuarem consideráveis melhoramentos no Campo do Seminário (arranjo do piso, vedação do rectângulo e iluminação do recinto) — no sentido de que se possibilite aos jovens aveirenses a prática do futebol, com um mínimo de condições.

As opções de compra em tempo de austeridade

• *supérfluo ou indispensável?*

Perante uma interrogação destas, os portugueses só podem fazer uma opção e essa opção é, evidentemente, pelo indispensável.

Nas actuais circunstâncias do País, todo o esforço deve ser feito no sentido de não desperdiçar, de não desbaratar dinheiro em coisas supérfluas ou inúteis.

Hoje em dia, porém, é por vezes difícil distinguir aquilo que é indispensável daquilo que é supérfluo, aquilo que é investimento rentável, daquilo que é puro gasto de dinheiro em coisas talvez agradáveis, mas escusadas.

Há, no entanto, um critério de escolha extremamente simples e eficaz: para além dos chamados bens essenciais, deve considerar-se também indispensável tudo o que vai dar origem a novas economias e supérfluo, de um modo geral, todas aquelas coisas que obrigam a gastar sempre mais, para poderem funcionar.

Há, de facto, uma enorme quantidade de coisas que adquirimos, mas que se destinam a fazer-nos comprar outros produtos sem os quais elas não funcionam.

E é assim que as despesas aumentam sem se dar por isso, é assim que desaparecem as boas intenções de austeridade e economia.

De facto, em tempo de austeridade como aquele que atravessamos, o problema das compras é um problema crucial, pois ele envolve a aplicação diária do nosso dinheiro, que queremos seja rentável.

Daí que, hoje em dia, devam merecer a nossa imediata preferência todos aqueles artigos que nos vão ajudar a economizar ainda mais e a transformar as nossas compras num verdadeiro investimento.

É o caso, por exemplo, de uma máquina de costura.

Uma máquina de costura é um daqueles artigos que, sem obrigar a novas despesas, constitui de facto um produto de primeira necessidade, pelas economias constantes a que dá origem.

Na verdade, a máquina de costura é uma fonte inesgotável de produção útil e económica: a roupa que já não serve aos crescidos arranja-se para os mais novos; as calças rotas levam umas joalheiras coloridas; a camisa do colarinho estragado dará uma linda blusa; a coberta de chita que encolheu é transformada num moderno pano de parede; o lençol rasgado leva uma alegre barra colorida; o cobertor velho e desbotado transformou-se nuns óptimos panos do chão e o vestido caríssimo, que vimos naquela montra, vai ficar por metade do preço.

Uma máquina de costura permite que nada seja deitado fora ou posto de lado. Tudo pode transformar-se, rejuvenescer, durar mais.

Sem canseiras nem preocupações, sem a pena que a necessidade de fazer economias por vezes acarreta. Mas ao contrário, com uma máquina de costura tem-se a alegria de poder criar algo de novo, tem-se o prazer de ver nascer a obra de uma imaginação criadora, que finalmente se pode desenvolver.

Visite uma das 70 lojas Singer, ou um dos seus 370 Agentes, espalhados por todo o País e escolha a sua máquina de costura.

A Singer aconselha na compra, ensina, proporciona cursos de corte e bordados e fornece-lhe uma permanente assistência técnica, em qualquer parte do País.

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO

Resultados da 1.ª jornada

Académico - V. Setúbal	3-0
Estoril - Boavista	3-1
Braga - Belenenses	1-1
Sporting - Benfica	3-0
Atlético - Guimarães	0-2
Porto - Portimonense	3-0
Montijo - Leixões	1-0
Varzim - BEIRA-MAR	1-1

Tabela de pontos

	J	V	E	D	B	P
Sporting	1	1	0	0	3-0	2
Académico	1	1	0	0	3-0	2
Porto	1	1	0	0	3-0	2
Guimarães	1	1	0	0	2-0	2
Estoril	1	1	0	0	3-1	2
Montijo	1	1	0	0	1-0	2
Belenenses	1	0	1	0	1-1	1
BEIRA-MAR	1	0	1	0	1-1	1
Varzim	1	0	1	0	1-1	1
Braga	1	0	1	0	1-1	1
Leixões	1	0	0	1	0-1	0
Boavista	1	0	0	1	1-3	0
Atlético	1	0	0	1	0-2	0
Portimonense	1	0	0	1	0-3	0
Setúbal	1	0	0	1	0-3	0
Benfica	1	0	0	1	0-3	0

Jogos para domingo

Setúbal - Varzim
Boavista - Académico
Belenenses - Estoril
Benfica - Braga
Guimarães - Sporting
Portimonense - Atlético
Leixões - Porto
BEIRA-MAR - Montijo

ESTREIA AUSPICIOSA

VARZIM, 1
BEIRA-MAR, 1

Jogo no Estádio do Varzim, na Póvoa do Varzim, na tarde de domingo passado, sob arbitragem do sr. Manuel Vicente, coadjuvado pelos «bandeirinhas» srs. Joaquim Fonseca (bancada) e Carlos Teles (peão) — todos da Comissão Distrital de Vila Real.

As equipas formaram deste modo:

VARZIM — Fonseca; Cacheira, Washington, Montoia e Leopoldo; João, Manafá e Eliseu; Jarbas, Marco Aurélio e Horácio.

BEIRA-MAR — Jesus; Guedes, Quaresma, Soares e Poeira; Manuel José, Zezinho e Rodrigo; Sousa, Abel e Sobral.

Na segunda metade do desafio, registaram-se as quatro substituições consentidas: nos poveiros, Lima Pereira (57 m.) e N'habola (71 m.) entraram para vagas deixadas por Manafá e Cacheira, respectivamente; e, nos aveirenses, Jorge (66 m.) ocupou o posto de Manuel José e Vítor (80 m.) jogou em vez de Zezinho.

O desfecho final — empate a um golo — ficou estabelecido na primeira parte.

Logo aos 6 m., o ponta-de-lança dos «auri-negros», ABEL, depois de vencer a oposição do lateral-esquerdo e do guarda-redes do Varzim (Leopoldo e Fonseca), e já de ângulo difícil, visou com êxito a baliza contrária, inaugurando o marcador.

(Em parêntesis: o tento de Abel foi o primeiro da jornada inaugural, nos desafios de domigo; e teria sido o primeiro do campeonato, se não tivessem sido disputados, no sábado, à noite, os encontros Sporting-Benfica e Porto-Portimonense — em que os golos só se registaram após o intervalo...).

Sobre os 20 m., porém, os varzinistas repuseram a igualdade. Num remate de Horácio, Jesus efectuou defesa incompleta, dando aso a que JOÃO surgisse, com oportunidade, para executar recarga vitoriosa.

A partida decorreu com interesse até final, sendo de salientar a correcção extrema com que todos os jogadores se entregaram ao jogo, não criando quaisquer problemas ao árbitro, que produziu trabalho criterioso, equilibrado e de bom nível.

Recém regressado da II Divisão e procurando tirar partido da circunstância de actuar ante o seu público, o Varzim deu o seu melhor com o intuito de se estrear com um triunfo, que poderia ter alcançado, de facto, pois criou (e desaproveitou...) alguns bons ensejos de golo — um deles quase sobre o termo dos noventa minutos...

O Beira-Mar, no entanto, armando-se do modo mais conveniente — sa-

Continua na penúltima página

A primeira revista sportiva e a de maior tiragem em Portugal

Ano I—N.º 28 — Domingo, 12 de Setembro de 1926 — Avulso 1$00

COMP. TIPOG. «FORMOSA» RUA DO SECULO, 2-C, 1.º — IMP. LITOGRAFIA MATA RUA DO BARÃO (Á SÉ) 2-4

ECO DOS SPORTS

GRANDE REVISTA SPORTIVA SEMANAL

PROPRIEDADE DO «TRIUNVIRATO LABOR»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO :: RUA DO SECULO, 2-C, 1.º D. LISBOA :: TEL. 2177 C.

Director Grafico EDUARDO FERREIRA ◆ ◆ Director ARTUR INÊS ◆ ◆ Administrador e Editor JORGE SANTOS

REMO

Uma boa vitoria do Club Mario Duarte, na disputa da "Taça Antonio da Fonseca"

O Club Mario Duarte, de velhas e gloriosas tradições, afastado ha muito tempo dos campeonatos, concorreu no dia 29 de agosto ás regatas que o Club Fluvial Portuense realisou, com muito brilhantismo, no rio Douro, enviando uma forte equipe de «ou-triggers» de 4 remos.

A sua tripulação, composta dos tres irmãos Duartes, Mario, Carlos e Francisco, e de Antonio Luz, com Domingos Ramalho a timoneiro, conseguiu uma linda vitoria para Aveiro, ganhando a «Taça Antonio da Fonseca» por tres comprimentos.

A corrida realisou-se na Carvalheira, perante elevada assistencia. A equipe aveirense produziu optima impressão e a sua vitoria foi largamente comentada, principalmente em Aveiro, onde o Club Mario Duarte conta gerais simpatias.

Em cima: A tripulação do Club Mario Duarte em treinos, na formosa ria de Aveiro. Em baixo: A tripulação do Club Mario Duarte, vencedora da «Taça Antonio da Fonseca».

AVEIRO
HÁ MEIO SÉCULO!

O nosso ilustre conterrâneo Embaixador Dr. Mário Duarte, já há tempos, teve a gentileza de oferecer para os nossos arquivos alguns preciosos documentos, alusivos a efemérides desportivas aveirenses.

Trazemos hoje ao conhecimento dos leitores — através da reprodução feita na gravura que ilustra esta página do LITORAL — um desses documentos, em que uma publicação já desaparecida (ECO DOS SPORTS — Grande Revista Sportiva Semanal) nos relata, com grande relevo, uma boa vitoria do Club Mario Duarte, na disputa da Taça António da Fonseca» — prova de remo realizada no Porto, dias antes.

Isto sucedeu exactamente... há meio-século! E, por coincidência, justamente depois de amanhã, domingo, estamos em 12 de Setembro de 1976 — à distância de 50 anos precisos da data da publicação do ECO DOS SPORTS (12 de Setembro de 1926) a que nos referimos, nesta evocação de um memorável cometimento de valorosos desportistas aveirenses.

ANDEBOL DE SETE

CAMPEONATO NACIONAL DA I DIVISÃO

Conforme tivemos oportunidade de noticiar em devido tempo, o Campeonato Nacional da I Divisão vai disputar-se, este ano, em moldes diferentes — com os clubes participantes repartidos, na fase inicial, por duas zonas (Norte e Sul) com doze concorrentes cada uma.

A prova terá início já em 2 de Outubro próximo. E, na Zona Norte — onde ficaram integradas duas turmas aveirenses (BEIRA-MAR e S. BERNARDO) — o programa para a ronda inaugural será o seguinte:

Desp. Portugal - Bairro Latino
Vilanovense - Desp. Póvoa
Ac.ª S. Mamede - Ac.º Viseu
Maia - Porto
BEIRA-MAR - Francisco d'Holanda
Braga - S. BERNARDO

AVEIRO nos NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 1.ª jornada:

ZONA NORTE

Vila Real - Paços de Ferreira	1-0
Fafe - ESPINHO	1-1
Riopele - Salgueiros	2-0
Paredes - Penafiel	1-1
Tirsense - Famalicão	0-2
Chaves - Gil Vicente	1-0
Vilanovense - LAMAS	1-2
LUSITANIA - Régua	0-0

ZONA CENTRO

Ac.º Viseu - Caldas	1-0
FEIRENSE - Torriense	5-0
Covilhã - Portalegrense	3-0
U. Leiria - Marinhense	0-1
Est. Portalegre - ALBA	7-0
U. Santarém - SANJOANENSE	0-0
Peniche - U. Tomar	2-0
Torres Novas - U. Coimbra	1-3

III DIVISÃO

Resultados da 1.ª jornada:

SÉRIE B

Lamego - Trancoso	3-0
Cucujães - U. Vildemoinhos	1-0
Aliados - Leça	1-0
Freamunde - Infesta	1-4
Avintes - Leverense	2-1
Penalva - OLIVEIRENSE	1-2
VALECAMBRENSE-P. BRANDÃO	1-0
ARRIFANENSE - Viseu Benfica	0-2

SÉRIE C

Esperança - Vilanovense	3-1
ANADIA - Mangualde	1-0
Tabuense - Marialvas	0-5
Febres - Ala-Arriba	2-2
Ançã - Covilhã Benfica	1-0
Naval - OLIVEIRA DO BAIRRO	0-0
Guarda - Tondela	adiado
RECREIO - Gouveia	2-0

RECORTES - RUBRICA COORDENADA PELO DR. LÚCIO LEMOS

DECADÊNCIA DO FUTEBOL PORTUGUÊS

«... O futebol português, a nível dos Clubes, continua em decadência. Talvez mais agora do que nunca. Uma decadência muito provocada pelo êxodo de alguns dos nossos melhores jogadores — Humberto, Jordão, Damas, Alves, etc. Um êxodo que também acontece porque o poder de compra do futebol português é cada vez menor. Aliás, tudo isto nos surge de uma forma natural, num desporto profissionalizado, com estruturas de areia. Um desporto que, toda a gente o sabe, foi mantido ao longo dos anos, com transfusões de cheques de grandes capitalistas, alguns deles sedentos de prestígio e de nome.

Chamavam-lhes os «mecenas». Agora acabaram — ou desapareceram por algum tempo? — e deixaram os clubes com a sua vida artificial de pobretanas com indumentárias de ricos. Tinha de acontecer e aconteceu.

Ninguém pense que a solução está no regresso a essas formas artificiais de «apoio» aos clubes. Que está no regresso ao passado. Não.

Há que encontrar, realmente,

Continua na penúltima página

BRILHOU EM LISBOA

A FROTA «VAURIEN» do SPORTING de AVEIRO

Demos já notícia, em breve nótula publicada na semana finda, do comportamento brilhante dos velejadores do Sporting de Aveiro nas regatas do **Torneio do «Patrão Lopes»**, organizadas em Lisboa pelo Clube Desportivo de Paço de Arcos.

Completando, agora, esse apontamento, temos de começar por referir que a frota «vaurien» dos «leões» aveirenses dominou, de facto, aquela afamada competição, pois conseguiu obter os três principais lugares, através das três tripulações que de Aveiro se deslocaram a Lisboa!

No primeiro lugar, ficaram José Manuel Tavares e José Morais; a segunda posição pertenceu a Filipe Fonseca e Tony Ferreira; e, em terceiro, classificaram-se Jorge Laffont Silva e João José Ferreira.

Recorde-se que, em 1975, já o Sporting de Aveiro inscrevera o seu nome na lista dos vencedores do famoso troféu, mercê do magnífico triunfo conquistado pelos seus velejadores

Continua na penúltima página

Xadrez de Notícias

Está programado, no plano de preparação da Selecção Nacional de Juniores (futebol), um encontro Portugal-Polónia, no domingo, 17 de Outubro, em Aveiro — a hora ainda não está determinada.

Tiveram já início os treinos dos andebolistas do Beira-Mar, orientados de novo pelo jogador-treinador José Januário (seniores) e por Alfredo Vaz Pinto (coadjuvado pelo sénior Agostinho, nos infantis) nas restantes categorias: femininos, juniores, juvenis, infantis e iniciados.

As sessões de treino reali-

Continua na penúltima página

CAFÉ PALÁCIO — CAMPEÃO DE FUTEBOL DE SALÃO

A turma representativa do CAFÉ PALÁCIO foi vencedora, como noticiámos já, do Torneio de Futebol de Salão organizado pelos «Cravas» do Beira-Mar.

Publicamos, hoje, a fotografia dos componentes da equipa campeã: Batel, Chico, Alberto, Nunes, José Rodrigues (dirigente) e Jaime Oliveira Gomes (treinador) — de pé; e Clemente, Fortuna, Carlos Jorge, Ulisses e Joca — à frente.